

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações

Anuncios, cada linha, typo common	20 réis
Communicados	60
Reclamos	100
Arregos	200

LISBOA

Quinta feira 16 de julho de 1896

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros.....	600
Numero avulso.....	50
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000

RESUMO

Velocipedia e Tiro, por Palermo de Faria.—Carreira de tiro. Associação protectora da caça no tempo defeso — Associação dos Atiradores Civis Estrella — Não pode ser.— Club dos caçadores do Porto, Escola de tiro, por B. de Sá.— O direito de caçar, por Martellero — O defeso, por Anselmo de Souza — Pelo defeso, por B. de Sá.— Velocidade dos pombos e os seus preços.— O Rhinoceronte, por Fulbert Dumontell.

Velocipedia e Tiro

A recente abertura do velodromo de Algés onde se realisaram já dois concursos de velocipedia, veio evidenciar que este genero de exercicio estava consideravelmente desenvolvido entre nós e que, seguindo os exemplos da America do Norte, da França e d'outros paizes onde os cyclistas se contam por centenas de milhares, em breve o numero dos amadores d'este modo de locomoção rapida atingirá em o nosso paiz proporções pouco vulgares.

Tanto no primeiro como no segundo concurso os resultados foram deveras animadores e os premios em dinheiro, o maior dos quaes foi de 100\$000 réis, considerados como o meio mais effizaz de despertar interesse e provocar o enthusiasmo pelas corridas de cyclistas. A velocipedia pode, pois, considerar-se definitivamente implantada em Portugal e estamos convencidos que successivamente augmentará o numero de amadores e por consequencia os certames futuros serão ainda mais concorridos e mais interessantes.

E, no entanto, tem seus inconvenientes a velocipedia; e ha quem affirme, com a auctoridade profissional que todos lhe reconhecem, que o cyclismo desaparecerá antes do meado do seculo futuro, por se haver reconhecido que é extremamente nocivo ao organismo humano por não ser possível evitar excessos que n'este exercicio, mais do que em muitos outros, provocam lesões cardiacas e atrophias ou dilatações de órgãos importantes e essenciaes á vida.

O que é certo é que na America do Norte, na França, na Inglaterra e na Alemanha, em toda a parte emfim onde o cyclismo se tem generalisado com rapidez inaudita, são muitos os adeptos d'esta gymnastica especial e muitos tambem os que a combatem por todos os meios e formas, adduzindo-se argumentos sobre argumentos d'uma e d'outra parte, sem que por enquanto esteja á evidencia demonstrado que o cyclismo é para a humanidade um beneficio evidente ou um perigo real.

Como gymnastica, como maneira de desenvolver os musculos não nos parece que possa collocar-se no alto da escala e, contudo, tem sido preferido á gymnastica propriamente dita, á esgrima, á equitação, á natação e a tantos outros modos seguros e effizazes de dar ao organismo o desenvolvimento muscular que lhe é indis-

pensavel para a conservação da saude e prolongação da vida.

Como explicar a preferencia? Uma questão de moda? O convencimento de que podem fazer-se largos passeios em condições economicas? Parecem-nos razões em demasia futeis para que possam ter importancia decisiva no espirito dos que se entregam á bicycleta com ardor e enthusiasmo, que são muito para admirar n'uma terra em que a indifferença está na ordem do dia como a mais commoda e mais singela das maneiras de deixar correr serenamente a vida.

Seja como fór o numero dos cyclistas excede em muito o numero dos gymnastas e o dos esgrimistas, exercicios bem mais uteis e bem mais proveitosos, muito mais necessarios e muito mais effizazes.

Collocados sob o nosso ponto de vista especial, considerando a nacionalisação do tiro civil como o mais preciso e mais inadiavel dos exercicios, pois n'elle reside essa força unica capaz de defender e conservar a autonomia da patria, nós sentimos profundamente que para o tiro nacional não haja os enthusiasmos nem os ardores que se tem dispensado á velocipedia, e que os certames se não repitam em toda a parte com premios valiosos aos vencedores, para que sejam animados a proseguir e applicar-se, frequentando assiduamente as carreiras de tiro e habilitando-se para dar á patria o concurso do seu braço exercitado e da sua aptidão comprovada. Sem auxilios, sem incitamentos, impellidos unicamente pelo dever civico que é a mais brilhante das virtudes, muito se tem feito já, mas esse muito é bem pouco em comparação do que desejamos e pedimos.

Convençam-se os poderes do estado da utilidade do tiro civil, reunam-se todos os cidadãos com o mesmo intuito e o mesmo fim, o de habilitar-se a defender o lar e a familia, e entre os exercicios corporaes, a cima de todos elles, no primeiro logar da escala, collocaremos como a Suissa, esse povo modelo, o tiro nacional e n'esse dia teremos sido portuguezes.

Palermo de Faria.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 12 do corrente, dispararam-se 1:050 tiros com a arma de guerra, com os seguintes resultados:

	Disparados	Acertados
Alvo a 100m	50	32
» » 200m	410	144
» » 300m	590	401
	1:050	577

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta associação fizeram 480 tiros, com o seguinte resultado:

	Disparados	Acertados
Alvo a 200m, fig. de joelhos.	210	71
» » 300m	270	199
	480	270

Associação dos Atiradores Civis Estrella

Os socios d'esta associação fizeram 240 tiros, com o seguinte resultado:

	Disparados	Acertados
Alvo a 200m, fig. de joelhos.	90	45
» » 300m	150	99
	240	144

1.ª Poule

Os socios da primeira associação fizeram uma poule a 300m, e a 200m, figura de joelhos, ao maior numero de balas acertadas, em 20 tiros, fogo de pé.

300m	200m
Acertados	Centros
Acertados	

J. Ferraz	10	6	4
Ligorio Silva	9	5	4
Carvella	8	5	4
Pedrozo	7	3	3
Pinheiro	8	4	2
Magalhães	4	1	1
Figueiredo	7	3	0

Ganhou o sr. J. Ferraz, que no alvo a 300m empregou 10 balas com 6 centros.

2.ª Poule

No alvo a 300m, em 10 tiros, fogo de pé.

Do Grupo Patria

	Acertadas	Centros
Gonçalo H. Ferreira	10	9

Dos Atiradores Civis Portuguezes

	Acertadas	Centros
J. Ivens Ferraz	10	7
Gil Portocarrero	9	0
J. M. Carvella	9	5
J. C. Pedrozo	8	5
M. J. Magalhães	7	5
T. Baganha	5	1
M. L. Figueiredo	3	0

Dos Atiradores Civis Estrella

	Acertadas	Centros
E. Noronha	9	6
J. Henriques	9	4
T. Coelho	8	7
Gil Dias	7	3
Bachofeni	5	5
E. Rodrigues	2	0

Do Grupo Suiso

	Acertadas	Centros
B. Leuzinger	9	1

Ganhou o sr. Gonçalo H. Ferreira, acertando as 10 balas com 9 centros.

Na banqueta do alvo n.º 2 foi encontrada uma medalha de ouro, para cadeia de relógio, que está depositada na secretaria da carreira, para ser entregue a quem provar que lhe pertence.

Associação protectora da caça no tempo defeso

Na quinta feira 9 do corrente reuniram os corpos gerentes em sessão de posse, nas salas da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. A's 9 horas da noite estavam presentes os srs. José de Sousa, Francisco

Proença, Antonio Lino, José Antonio Coimbra, José Epiphanyo d'A. Vidal, João Pedro Fernandes, Alfredo F. Cartaxo e Anselmo de Sousa.

O sr. presidente abriu a sessão e em seguida o sr. secretario lavrou o auto de posse, que foi assignado por todos. Concluida esta formalidade, constituiu-se a direcção em sessão, que tomou as seguintes deliberações: reunir todas as quintas feiras, às 9 horas da noite, na sede provisoria, T. da Espera, 8, 1.º; mandar imprimir com a maior brevidade, as propostas para socios e recibos para a cobrança de quotas; escolher estabelecimentos de socios em varios pontos da cidade, arredores e outros locais do districto de Lisboa, a fim de que ali haja propostas em branco, para poderem ser preenchidas por todos os caçadores que se queiram inscrever como socios; o sr. presidente propoz e foi approvedo que se officiasse a todas as associações de caçadores que existem no paiz, communicando-lhes a fundação da Associação, e que se officiasse ao socio sr. D. Fernando de Castello Branco, dignissimo administrador do concelho de Cascaes, chamando a sua attenção para uma local publicada no *Seculo*, enviando-lhe copia d'essa local.

Ficou mais assente que se officiasse a direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, agradecendo-lhe a bizzarria que lhe facultou todas as suas salas á nova associação, sendo tambem approvedo por unanimidade que se lançasse na acta um voto de agradecimento á referida associação voto proposto pelo sr. Alfredo Francisco Cartaxo.

Na primeira sessão, que se realisará na quinta feira 16, devem ser apresentados alguns desenhos para o distinctivo e timbre da associação. Foi tambem presente a lista de socios inscriptos, que n'aquella data eram 72, o que é de veras animador.

A direcção tem que ser incansavel para se desempenhar honradamente dos poderes de que foi investida; o periodo de organização é trabalhoso, mas o tempo *defeso* está por um mez, por muita que seja a sua boa vontade, pouco poderá fazer; tem, porém, deante de si todo o tempo de caça, até ao 1.º de março do anno que vem, para se preparar, por forma que para a futura epoca do *defeso*, abra uma verdadeira campanha em favor do seu ideal.

O estabelecimento de agentes delegados em diferentes pontos do districto; os premios aos que se distinguirem no cumprimento dos seus deveres, os seus esforços junto das autoridades e as querellas levadas aos tribunaes contra todos os que despresam as leis da caça, será um trabalho incessante e arduo.

Cumpram todos o seu dever, e prestarão um enorme serviço, não só aos amadores da arte venatoria, mas aos interesses economicos do paiz.

Associação dos Atiradores Civis Estrella

ESTA associação realisa no domingo 28 de agosto um concurso de tiro solemnisando o seu 2.º anniversario; a este concurso podem concorrer todos os socios inscriptos nos registos de socios de todas as associações e grupos de atiradores.

E' uma magnifica iniciativa, que muito louvamos, e que bem prova a superior intelligencia e boa vontade com que aquella prestante associação é dirigida.

Logo que tenhamos as condições em que é realiado o concurso dar-lhes-hemos publicidade.

Ao concurso de tiro em Satory, que deve começar amanhã 17, foi representar esta associação o sr. João José Diniz.

Não pode ser

Na sessão da camara municipal de Setubal, de 8 do corrente, foi lido um abaixo assignado, com 55 assignaturas, requerendo á camara que peça á commissão districtal a interrupção ou suspensão do *defeso*, allegando que os coelhos causam damno ás vinhas.

O nosso estimavel collega *O Districto*, de Setubal, a quem o *defeso* deve muito e que é um dos primeiros em sua defeza, faz apreciações muito judiciosas sobre o assumpto, estranhando que os mesmos que pediam por todos os santos e santas da sua devoção lhes acautelassem as vinhas dos caçadores e dos cães, venham agora pedir caçadas nas vinhas com fructo; o collega chama a nossa attenção para o facto e nós cá estamos no nosso posto.

Em primeiro logar, alegra-nos a abundancia de coelhos, estamos costumados a ouvir a todos os caçadores e a ler em varios jornaes que a caça indigena está quasi extincta entre nós; pois bem, não dizem isso os 55 proprietarios, porque os que assignam o pedido devem ser todos proprietarios e de vinhas. Francamente não desejamos o mal nem o prejuizo dos 55 proprietarios, mas achamos bom que haja abundancia de caça.

A nós parece-nos um tanto phantastico este pedido, e vamos dizer porque.

Em primeiro logar, se a nossa sciencia nos não falha, não é com certeza ás vinhas que os coelhos causam maiores prejuizos; os milharões, meloães, feijoades, ervilhaes e mesmo ás hortas, ali sim, que elles são devastadores, e nós concluímos ou que não ha nada d'isto por aquellas paragens, ou que os coelhos d'ali tem um gosto particular pelas uvas.

Vamos porém á questão. Segundo a lei, a commissão districtal não pode nem deve deferir tal pedido; somos até de opinião que nem a camara municipal lhe devia dar andamento, quando por todo o paiz se levanta um brado a favor, do *defeso*, e se pede mais rigor para elle, não nos parecendo que se justifique tal pedido.

No Regulamento districtal sobre a caça, datado de 31 de maio de 1884, e que nós publicámos no *Tiro Civil*, n.º 1, 2 e 3, ha o art. 13.º que diz:

Os possuidores de predios vedados por qualquer forma que os animaes não possam entrar e sair livremente, podem dar-lhes caça por qualquer modo e em qualquer tempo.

Artigo 14.º — E' permitido aos proprietarios cultivadores destruir em qualquer tempo, nas suas terras, os animaes bravios que se tornem prejudiciaes ás suas sementeiras ou plantações.

Já os 55 proprietarios veem que dentro da lei tem auctorisação para poder destruir os coelhos, mas os proprietarios nas suas propriedades.

É tão incoherente o pedido feito á camara municipal de Setubal que não tem desculpa, por isso que as caçadas com cães, e muita gente com paus dentro de uma vinha são tudo quanto ha de peor, peor mesmo que os taes coelhos que infestam as propriedades vinhateiras do nascente de Setubal, e tanto assim é que o § unico do artigo 11.º do citado regulamento, diz:

Nos terrenos abertos que se acharem de vinhago ou de outras plantas fructíferas de pequeno porte, e nos terrenos plantados de oliveiras ou outras arvores fructíferas de grande porte, o periodo da prohibição da

caça estende-se até ao fim da colheita dos respectivos fructos.

Já os signatarios do requerimento veem que é tão perigosa e prejudicial a entrada de caçadores e cães nas vinhas, que ao fazer-se o regulamento, e muito bem, se acautelou este ponto. Os cães são prejudicialissimos nas vinhas, e ha muitos dos chamados caçadores que comem mais cachos do que apanham coelhos, e não é só o que comem; é o que estragam, apanhando tudo a torto e a direito, maduro e verde.

Acreditamos que a commissão districtal indeferirá o tal pedido, se elle lá chegar, fazemos-lhe inteira justiça. Quanto ao assumpto é de crer que voltemos a occupar-nos d'elle, por isso que a nossa opinião é que o *defeso* seja rigorosamente cumprido até ao dia 15 de agosto.

CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

Escola de tiro

COMO terminaram os concursos officiaes de tiro á bala, resolveu a direcção do Club, e muito acertadamente, a meu vêr, que os torneios ordinarios de tiro á clavina, á pistola e ao revolver, fossem, de ora ávante, até á realisação do concurso official de tiro a chumbo, supprimidos, para facilitar a quem entra n'este concurso o exercitar-se, como lhe aprouver, no tiro aos diferentes alvos escolhidos para o concurso que falta realisar. Deu-se, por conseguinte, na quinta feira, 9, um torneio de exercicio, de tiro a chumbo, com 2 pombos, 5 pardaes, 2 vidros e 3 espheras, cujo resultado foi o seguinte:

Jacintho de Mattos ..	40 tiros bons
Antonio Silva	9
Arnaldo Moraes	9
A. Peixoto	9
João Garcia	8
Francisco Cardoso ..	8
João Pimenta	8
Chorão Amaral	7
José Pimenta	7
L. Mexia	5
H. Antunes	5
Santos Pinto	9, em 10
Padre Branco	3, em 5
J. R.	4, em 7
A. S.	5, em 11

No domingo seguinte realison-se outro torneio de exercicio, com 2 pombos, 5 passaros, 4 vidros, 4 balões e 5 espheras, obtendo cada um atirador a classificação abaixo especificada:

João Pimenta, 18 tiros bons; Jacintho de Mattos, 18; Santos Pinto, 17; José Pimenta, 16; Dr. Pedro Ferreira, 16; Luiz Pinto, 16; Arnaldo Moraes, 14; Paiva Freixo, 14; Baptista de Sá, 13; Luiz Mexia, 13; Miguel Mattos, 11; Carlos Albuquerque, 11; Julio Freitas, 9; Manoel Freitas, 8; Antonio Silva, 18, em 19; A. Peixoto, 10, em 15; H. Antunes, 8, em 15; A. P., 3, em 11.

Como se vê, egualaram-se em classificação os srs. João Pimenta, Jacintho de Mattos e Antonio Silva, que tiveram, á excepção do primeiro, por ter sido o offerente, de desempatar um casal de cães ajoujados, trabalho executado em metal, decidindo-se a galante prenda a favor do sr. Mattos.

O sr. Heitor Antunes, director de serviço n'este mez, foi quem dirigiu o torneio. Classificadores foram os srs. Dr. Jayme Ribeiro, Julio d'Oliveira e Edmundo Maia, secretario.

Porto, 12 de julho de 1896.

B. de Sá.

O DIREITO DE CAÇAR

(Continuado do n.º 68)

Ao encetarmos hoje o nosso segundo cavaco seja-nos lícito consignar aqui a nossa profunda satisfação por um facto que não pode deixar de lisonjear-nos, isto é, o termos tido um leitor.

Mas a nossa gratidão, muito superior á nossa vaidade, manda-nos que agradeçamos a Olavrac os esforços que terá feito para resistir ao somno, e bem assim as suas amáveis referencias que declinamos por immercedas.

De resto, como não temos pressa de chegar ao fim, cavaquearemos um bocadinho, se quizer, sem contudo nos esquecermos que não me convém arredar-me da placidez de qualquer benedictino, nem tampouco a aceleração dos movimentos do coração, talvez dilatado demais pela ascensão de ladeiras, pelo menos tão íngremes como a que do Outeiro da Força, ahí, na velha Scalabis, conduz ao Tejo.

Diz-nos Olavrac que lhe parece erroneo dizer-se que, cá no nosso paiz, não é causa primordial do desaparecimento da *caça grossa* o arroteamento das charnecas, etc., etc.

Ha de conceder-nos que o facto do arroteamento existe muito a aprazimento de todos, e tambem que não é preciso arrotear por completo, nem mesmo em grande extensão, uma charneca para que d'ella emigre a caça grossa que, como por certo sabe, gosta pouco da visinhança do homem, e até mesmo da de outra ou outras especies.

O que eram, não ha nenhuns cem annos, todos os terrenos que ahí proximo de Santarem se extendem das Fontainhas pela ponte do Celleiro e Isenta até Almoester? Charnecas. O que eram, na sua grande maioria, os terrenos hoje plantados de magníficos vinhedos ahí ao pé do Cartaxo? Charnecas. O que eram ainda esses terrenos que vão de Almeirim a Coruche? Tambem charnecas. Ora no tempo em que o alvião não tinha ainda, qual varinha de Moizez, tocado esses terrenos, affirmaramos que havia um velho moleiro, cujos filhos talvez ainda existam, que da janella da azenha, ahí proximo da ponte d'Asseca, matava javardos.

Mas, como dissemos, não é preciso arrotear uma charneca em grande extensão para que a *caça grossa* emigre ou morra ás mãos dos caçadores, os quaes reduzindo-se-lhes, pela simples abertura de uma outra clareira, as difficuldades de investigação de *cortadas* ou de busca de animaes *emmanchados*, conseguem com menos trabalho havel-os ás mãos.

E a propósito vem narrar um facto que prova isto. Ha uns sete ou oito annos, indo nós caçar aos javardos, estivemos em Serpa, d'onde nos dirigimos, por Aldeia Nova de S. Bento, para essa enorme charneca que, partindo da Corte do Pinto, se estende pela margem direita do Chança, vindo até Mourão, com larguras de tres e quatro leguas.

N'uma excursão anterior tinha-se dado a batida n'uns terrenos a leste da carreteira que d'Aldeia Nova conduz á fronteira, e então não se repetiria ali porque, no dizer do *batedor*, desde que o Brasileiro tinha plantado a vinha os animaes já por ali não paravam.

Portanto, o arroteamento acarreta o desaparecimento da *caça grossa*, quer porque lhe destrua os abrigos, quer porque lhe torna menos seguras as charnecas que retalha.

E' claro que se não fosse perseguida a *caça grossa* não tenderia a extinguir-se, pelo contrario, multiplicar-se-hia mais facilmente por encontrar no desenvolvimento da agricultura mais fartos meios de vida.

Diz-nos tambem Olavrac que folga por ver incluir a codorniz no numero das especies que devemos defender.

Sabe o que nos admira? E' que haja tão pouca comprehensão do que é caça e do que são caçadores, que alguém se atreva a pedir licença, e haja quem a conceda, para se caçar a codorniz.

Diz-se por ahí que a codorniz é ave de arribação, que não cria em Portugal, etc., etc., e com uma serie de baboseiras, que não argumentos, se pretende justificar o pedido de concessão.

A nós parece-nos que a codorniz está actualmente representada entre nós por duas variedades da especie, das quaes uma pode considerar-se indigena, e a outra, com effeito, emigra após as creações, e que é falsa, falsissima, a asserção de que não criam cá, porque não só temos achado os ninhos como temos visto os pintinhos levantarem-se atrás das mães.

Mas demos de barato que não ha codornizes indigenas, que ellas não criam em Portugal, que um periodo de defesa bastante longo não permite caçar as nos restolhos, enfim, tudo quanto quizerem, e nós continuaremos pedindo que a defesa exista tambem, e rigorosamente, para ellas.

E não venha dizer-se que estamos em contradicção connosco mesmos; desejamos que os nossos caçadores tomem a parte do leão nas especies que nos visitam, mas é preciso que d'isso não resulte damno maior que o beneficio colhido. Ora os srs. caçadores são umas excellentes creaturas, mas nós é que não teremos a ingenuidade de os acreditar quando affirmem que a caçada ás codornizes não é apenas um pretexto para caçarem as outras especies de que temos tratado.

Quanto a nós, deve haver um só periodo de defesa para todas as especies sem a menor excepção; pede-o o interesse da agricultura, que salva as searas d'uma destruição enorme; pede-o a hygiene, que nos diz que é nocivo o uso da carne de animaes mortos nos periodos de prenhez ou de incubação; pede-o a propagação das especies damnificadas á sombra da caçada á codorniz, e pede-o, finalmente, um principio de equidade, porque se nós lucrarmos com que se guarde a defesa da gallinhola, por exemplo, nos paizes em que ella cria, não é demais que entre nós deixemos crear em socego uma especie de que alguém, que não nós, tire o proveito.

Martelleiro.

O DEFESO

N'esta tarefa de apontar transgressões e reclamar providencias, não descansamos, nem cançamos; muito embora pareça que bradamos n'um verdadeiro deserto, no entanto alguém nos ouve, a prova é o ecco que o nosso bradar tem levantado não só entre os caçadores, mas tambem na imprensa, que grande auxilio nos presta já mas que, com mais um bocadinho de boa vontade, podia fazer com que justiça fosse feita á causa que defendemos; se os nossos estimados collegas, umas vezes por outras, não se limitassem a publicar só a noticia do facto, o que já é muito, mas tambem com todo o poder da sua auctoridade,

e da sua publicidade em artigos desenvolvidos, chamassem a atenção das auctoridades, a quem compete a execução das leis, para que punissem abusos como todos os dias se estão dando, em que os nomes dos transgressores são publicados, sendo por isso a accusação formal e precisa, não restaria duvidas sobre quem sejam os criminosos.

Repetimos e pedimos a todos os nossos collegas o seu valiosissimo auxilio, a bem do *defeso*, que não é só a causa dos caçadores, é tambem a causa da caça indigena, que ameaça desaparecer de todo.

Feitas estas considerações vamos a contas com o assumpto; os nossos collegas *Seculo* e *Paiz*, publicaram a seguinte noticia:

Foi bontem visto no Casal do Duque, a caçar, Miguel da Cebolera, morador na calçada de Carriche, o qual matou, segundo nos contaram, um casal de perdizes e os perdigotos.

A clareza com que está escripto o nome do barbaro que tal gentileza commetten, e a indicação da morada, parece-nos de molde a que a policia tome conta do caso; mais uma vez appellamos para o sr. governador civil, pedindo-lhe que mande cumprir a lei.

De O Seculo:

Pedem-nos que chamemos a atenção do sr. administrador do concelho de Cascaes para o facto de alguns individuos andarem a caçar em Jamor, immediações de Queluz e Morganhal.

Os taes caçadores andam acompanhados de cães e tem morto muitos coelhos e perdigotos, e não contentes com isto, chegam a destruir os ninhos de perdizes, o que é uma verdadeira atrocidade!

O sr. administrador de Cascaes é um cavalheiro que reúne ás qualidades de funcionario muito distincto o ser socio da nova associação de caçadores, appellando para elle n'esta qualidade, estamos certos que seremos ouvidos.

De O Paiz, de Lisboa:

Parece que os regulamentos sobre este momentoso assumpto são letra morta em grande numero dos concelhos do paiz. Raros são os dias em que não reebemos quaesquer reclamações sobre os abusos commettidos por curiosos e por caçadores de profissão, que, a pretexto de caçarem codornizes, vão abatendo coelhos, perdizes, lebres e outras especialidades de criação de defesa n'esta epoca.

O nosso correspondente de Sacavem informa-nos que todos os domingos caçadores muito conhecidos se divertem, desprezando as disposições da lei, como no dia 13, em que diversos se entretiveram matando perdigotos e perdizes com criação.

Sobre taes abusos cumpre ao sr. administrador de Loures pôr-lhe cobro, afim de que não tenhamos que voltar ao assumpto.

Estes abusos commettidos para os lados de Sacavem, não são novos; por bastantes vezes temos pedido providencias, mas os abusos continuam, o que prova que ou nos não ouvem ou não nos querem ouvir, nós porém seguindo o rifão de *quem porfia mata caça* tanto havemos de teimar que alguns irão para a cadeia.

Do nosso collega *O Diario de Noticias*:

Consta-nos que o sr. governador civil, com o fim de evitar abusos, reclamou a intervenção da guarda fiscal, afim de que seja apprehendida a caça viva ou morta que entre pelas barreiras, excepto codornizes, no periodo que decorre desde 1 de março a 15 de agosto de cada anno.

Apesar d'isso, sabemos que muitos guardas fiscaes não se oppõem á entrada de coelhos e perdizes, especialmente na linha da circunvallação.

Por isso, achamos de necessidade que o sr. governador civil se digne recordar o officio de 13 de março de 1895, dirigido á direcção geral das alfandegas, e que a apprehensão da caça se estenda até aos sitios, onde ella seja encontrada, apprehendendo-se tambem os furões. Os alvaras de licença para porte de armas tambem reclamam rigorosa fiscal-

sação, e para este assumpto importante chamamos a attenção de todas as auctoridades.

São de todo o ponto urgentes as recommendações á guarda fiscal para que na cidade não entre caça nem morta nem viva e fazemos nossas as reclamações do nosso collega.

Sujeitos ha que se gabam, que, quanto mais os perseguirem, mais destroços hão de causar, escangalhando ninhós, etc., no entanto n'esta lucta alguém ficará vencido e nós acreditamos que não será a causa da justiça.

Anselmo de Sousa.

PELO DEFEZO

Caminha para o seu termo o tempo da defezo e aproxima-se de nós a abertura da caça; devemos, porque vem breve o dia em que todos poderão principiar a caçar de harmonia com as leis e regulamentos respectivos, descansar dos cuidados que temos dispensado á causa do defezo? Não! Se até agora nos empenhámos com certo interesse em pôr difficuldades ao atrevimento sem nome d'aquelles que caçam em todo o tempo, n'estes poucos dias que nos restam de prohibição devemos redobrar de esforços para que nos não pilhem descuidados.

Assim como elles, os contraventores, não largam mãos da sua obra, também nós, imitando-os na sua teimosia, não devemos abandonar o rasto em que pegamos. E' um pouco ardua, bem sei, a missão de que nós mesmos nos encarregámos; mas é preciso batalhar, lutar dia a dia e braço a braço para que nos não levem de vencida os nossos terríveis inimigos.

E' necessario, agora mais que nunca, acelerar o passo, para que não os deixemos ganhar terreno e augmentar adeptos, o numero que já contam é formidável. E' necessario combatel-os a todo o transe, sem dó nem piedade, pagando-lhes em moeda igual o mal que nos têm causado com o seu menosprezo pelas leis da caça e a sua estúpida selvageria pelas leis da criação.

E' necessario não desanimarmos nunca. Se é transcendente o numero de nossos adversarios, extraordinaria a sua audacia, e desmedida a protecção que lhes dispensa quem lh'a devia recusar inexoravelmente, maior deve ser a nossa inquietação, mais energico o nosso procedimento.

São poderosos? são fortes? Que importa? Se a razão é nossa, está do nosso lado; só ella pôde mais do que toda a sua bateria de centenares d'elementos.

Ao lado dos que combatem pelo bem geral dos caçadores estou eu ha muito tempo, de espada fóra de bainha e clavina mettida á cara; quem nos acompanha uais, quem se vem juntar a nós para engrassar nossas fileiras?

Quem se quer mais expor ás balas d'essa sucia de desprezíveis, d'essa cafila de maus por convicção, que nem o tempo uem a civilização poderam converter ainda aos bons costumes?

Quem nos acompanha mais?

Porto, julho de 96.

B. de Sá.

A velocidade dos pombos e os seus preços

A velocidade dos pombos tem sido sempre assumpto de discussão para os zoologistas. O sr. J. E. Harting, redactor

em chefe do *Zoologist*, reuniu interessantes documentos a este respeito.

Admittindo que a pêga vâa habitualmente na razão de 10 metros por segundo, em média, segundo diz Jorge Cayley, parece difficil admittir, por exemplo, que a gralha possa chegar a mais do quadruplo. Por outro lado, attribuiu-se ao pombo a velocidade de 100 kilometros por hora; parece exorbitante.

E', porém, facil obter dados certos e factos positivos comparando, por occasião d'uma partida de pombos, a distancia percorrida no tempo que gastam até voltar ao pombal.

Foi o que fizeram muitas vezes os srs. C. R. Keene e Felix Rodenbach.

Resulta das observações do primeiro que, para 320 pombos adultos executando um trajecto de mais de 140 kilometros e chegando muitas vezes a 200 kilometros, 90 por cento se mantêm em velocidades que vão até 1:080 metros por minuto, sendo este ultimo algarismo attingido por pouco mais de 12 por cento, a maioria (73 %) proximamente) percorrendo de 810 a 1:080 metros. Para 2:814 pombos novos, observados em viagens de menor comprimento (80 a 160 kilometros) as velocidades são um pouco menores, mas nos dois casos o maximo é o mesmo: 1:260 metros por minuto e aquelles que excedem esta velocidade estão em minoria (1 a 3 %).

O sr. Rodenbach acredita na possibilidade d'uma velocidade de 1:935 metros por minuto, o que representa 110 kilometros por hora, e a experiencia mostra que o pombo caminha sensivelmente mais depressa do que os bons expressos. Na realidade, para o sr. Rodenbach, a velocidade é maior ainda, porque nas distancias percorridas, é certo que o pombo não segue a linha recta, mas faz numerosos zig-zags por causa das correntes aereas e por consequencia anda mais do que parece.

Quando se organisarem corridas colombophilas com premio e aposta mutua, o preço do pombo augmentará sem duvida. Em certos casos é já sufficientemente elevado, que se julgue pelo que conta o sr. Graby no *Petit Temps*.

"O que se poderia chamar o barometro do preço dos pombos viajantes, são as grandes vendas publicas em leilão que se realisam no fim da estação ou em pleno inverno, nos centros importantes de criação.

"Um amador conhecido morre ou muda de residencia, ou, estando velho e doente, renuncia aos trabalhos da colombophila. Então annuncia nos jornaes especies, por cartazes, por pregoeiros, que tal dia, a tal hora, em tal lugar, os seus pombos serão expostos e vendidos sob a direcção de..., agente de leilões. Jornaes e cartazes publicam a lista dos individuos, e cujos merecimentos são tanto mais facéis de comprovar quanto é certo que cada um, como o soldado no regimento, tem numero de matricula e signaes particulares, o que permite acompanhá-lo sempre, verificar a sua força de resistencia, energia, velocidade e segurança de orientação. Querem amostras d'esta litteratura technica? São bastante curiosas:

"—1—1—Nasceu em 1885. Macho russo, irmão do 1.º premio de Bazas. Produtor extra com o n.º 2. Só fez viagem em 1893. Chantilly 51.º premio, Orleans, 32.º, Orleans 12.º; em 1894, Orleans 30.º premio sobre 1.000 pombos; em 1895, Rambouillet, ou Martinet, 29.º premio, etc.

"—13—19—Nasceu em 1890. Macho preto, chamado "o bom preto", filho do n.º 1 e 2; 1891, Chantilly, Châteaudun 12.º premio; Blois 10.º, Périgueux, 1.º; 1892,

Sainte-Maure 20.º, etc. Pac dos n.º 41—19, 42—19, 43—19. O cruzamento é absolutamente o mesmo do feito por ***, de Courtai, que obteve os pombos chamados *môchos* com os quaes conseguiu tanto exito.

(Continúa).

O RHINOCERONTE

(Concluido do n.º 71)

Na bella obra de Jonathan Franklin lemos a narração que vae seguir-se, commovente como drama, encantadora como egloga:

«Em carreira phrenetica e brutal, o rhinoceronte fugia d'um bando de caçadores, louco de terror e de colera, galopando de cabeça baixa e chifre ameaçador, e foi de encontro a uma arvore não tal violencia que ficou preso sem poder tirar o chifre que se cravára profundamente no tronco. Imagina-se facilmente a raiva espumante do colosso. Mas a arvore não se abalou e o monstro ficou captivo. Quantos dias durou o seu supplicio? Encontraram-n'o moribundo de fadiga, de raiva e de fome. Ao seu stertor formidável juntava-se o triste canto d'uma avesinha. O volátil não estava sobre a arvore, estava sobre o animal. Era o amigo fiel que chorava sobre o corpo do rhinoceronte. O canto de dôr substituiu então o grito d'alarma.

«Contraste verdadeiramente curioso: a um dos animaes maiores e mais terríveis da criação, a natureza deu por protector e guarda a mais fraca e a mais deliciosa das suas creaturas: uma pequenina ave.»

Para o rhinoceronte a avesinha é companheira fiel, sentinella infatigável, musico encantador, amigo, salvador; tem a vida do colosso na ponta do pequenino bico, e o seu olho, do tamanho da cabeça d'um alfinete, vêla d'um extremo a outro do deserto pela prosperidade do gigante.

Mas não supponhamos que é apenas dedicação. Larochefoucault tem talvez razão de referir as mais bellas acções a um unico sentimento: o interesse.

Em troca da sua vigilante amisade, o rhinoceronte dá-lhe duas cousas que são verdadeiramente preciosas: casa e mesa. Offerece-lhe alimento delicado, mesa abundante e sempre posta.

Esta mesa, inextinguível e escolhida, é o proprio corpo do rhinoceronte, sulcado em todos os sentidos por myriades de insectos de que a avesinha é em extremo gulosa.

Para o pequeno passaro, tão esperto quanto gracioso, é uma maneira pratica de cuidar da alimentação velando pelo enorme amigo.

Vêla pelo almoço, que come, guarda e poupa, e a sua soberba dedicação reduz-se a um triste parasita; portanto, é apenas um simples comilão. Para o rhinoceronte, se este animal o podesse pensar, o seu amigo seria unicamente um conviva insaciável e astucioso; para a ave, a horripilante fera simplesmente um fornecedor exacto, uma especie de dispensa sempre aberta e sempre cheia-

Fulbert-Dumonteil.

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes e a todos os collegas que nos honram com a troca o favor de nos enviarem toda a correspondencia para a Rua de S. Paulo, 216, 3.º.

Editor responsavel—MANOEL AUGUSTO PINTO

TYPOGRAPHIA PEREIRA & FARIA

148 — RUA DA PALMA, — 152